

LISBOA, EM PESSOA, OU DAS
PAISAGENS DESASSOSSEGADAS

*Lisbon, in Pessoa, or the
distressed landscapes*

Gerson Luiz Roani*

Faço paisagens com o que sinto (...)

Nada disso me interessa, nada disso desejo. Mas amo o Tejo porque há uma cidade grande à beira dele. Gozo o céu porque o vejo de um quarto andar de rua da Baixa. Nada o campo ou a natureza me pode dar que valha a majestade irregular da cidade tranqüila, sob o luar, vista da Graça ou de São Pedro de Alcântara. Não há para mim flores como, sob o sol, o colorido variadíssimo de Lisboa.

(Bernardo Soares, *Livro do desassossego*)

A íntima ligação entre os caminhos da literatura e os sendeiros da cidade delinea a existência de uma invariante no âmbito dos textos literários, que pode ser detectada pelo fato de que várias cidades assumiram a condição de verdadeiros símbolos literários estreitamente vinculados à produção artística de autores emblemáticos. Vale pois, mencionar a Paris de Baudelaire, de Balzac e de Flaubert, a Praga de Kafka, a Dublin de Joyce, a

* Universidade Federal de Viçosa.

Buenos Aires de Borges, a Roma de Lampedusa, a São Paulo de Mário de Andrade, o Rio de Janeiro de Machado de Assis ou o Recife de um João Cabral de Melo Neto e de um Manuel Bandeira. No que concerne a Lisboa, com Fernando Pessoa, ela foi elevada à condição de cidade-símbolo ou universo, no qual as vivências mais profundas do poeta encontraram ressonância.

O imaginário de Lisboa já havia ganhado, na literatura portuguesa, as páginas dos autores do século XIX. No Romantismo, ficcionistas como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco deram expressão romanesca à matéria histórica extraída do passado português. No desdobrar desse processo escritural, o Romantismo instaurou, como coordenadas essenciais da ficção romanesca, o tempo e o espaço em que os feitos históricos transcorriam. Na seqüência, o Realismo-Naturalismo, mediante os romances de Eça de Queirós, aprofundou essa dúplici coerência de coordenadas, por intermédio da investigação dissecadora dos comportamentos e situações vinculadas ao “meio” e ao momento presente.¹

A passagem para o século XX assinala, no cenário literário português, o aparecimento da poesia de Cesário Verde, poeta baudelairianamente cidadão e antiliterariamente bucólico. Em seus poemas, a escrita da cidade de Lisboa prende e encanta, pois as composições do autor evocam um real concreto e próximo ao poeta e ao seu leitor imediato: as ruas da Lapa lisboeta, as margens do Tejo, os campos de Linda-a-Pastora, as figuras femininas que passavam entre os calceteiros, as pequenas emoções do cotidiano citadino, mas também a decadência, a corrupção e o sofrimento, anuladores da aparência sedutora da metrópole moderna, transformando-a no palco da desagregação humana. Segundo António Quadros, Cesário Verde realizou uma escritura poética que é a “declaração do visível, do perceptível”, cuja expressão mais bem conseguida é a imagem da Lisboa oitocentista.² Com base nessa visão da poética de Cesário Verde, selecionamos a estrofe que segue, extraída de *O sentimento de um ocidental*:

Nas nossas ruas, ao entardecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia,
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.³

¹ Cf. SEIXO, Maria Alzira. A poética da cidade na composição do romance (alguns exemplos na ficção portuguesa do século XX). In: RECKERT, Stephen et al. *O imaginário da cidade*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. p. 267.

² QUADROS, António. *O primeiro Modernismo português: tradição e vanguarda*. Lisboa: Europa-América, 1989. p. 70.

³ VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 77.

Cesário Verde descreve com olhar crítico a paisagem, o ambiente, a História e a fenomenologia social da Lisboa do seu tempo definindo um espírito de vanguarda que encontraria em Fernando Pessoa o seu mais hábil continuador. Tal espírito ecoa nos versos da *Ode triunfal* de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos, nos quais a possível “dívida”, em relação à obra do poeta do século XIX, significa o estímulo para a engenhosidade individual e, mais ainda, aquele desejo de superação que impulsiona a criação das grandes obras. Essa tensão criadora entre o real e o sensível acabaria originando o *Sensacionismo* da poesia pessoana, cujos traços marcantes trans parecem nos versos do heterônimo Álvaro de Campos:

E que misterioso o fundo unânime das ruas,
 Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
 Ó do “Sentimento de um Ocidental”!
 Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,
 Que não são países, nem momentos, nem vidas,
 Que desejo talvez de outros modos de estados de alma
 Humedece interiormente o instante lento e longínquo!⁴

Ora, se em Cesário Verde, encontramos a tentativa de esboçar, através da poesia lírica, o perfil da decadente Lisboa do final do século XIX e o cotidiano dos seus habitantes, na poética de Fernando Pessoa encontra-se o aprofundamento dessa tensão entre a vivência individual e a experiência urbana, redimensionada às primeiras décadas do século XX. Tal aprofundamento ocorre, sobretudo, através de duas personalidades poéticas criadas pelo engenho pessoano, o semi-heterônimo Bernardo Soares e o heterônimo Álvaro de Campos.

Bernardo Soares, autor do *Livro do desassossego*,⁵ lê a cidade como lugar do desassossego, da fragmentação e despersonalização do ser humano da Modernidade. Soares é a *persona* pessoana que abandona qualquer sentimento de participação do todo social. Esse traço do heterônimo foi argutamente detectado por Eduardo Lourenço, que, ao comentar o *Livro do desassossego*, afirma que Bernardo Soares é um “excluído voluntário

⁴ PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 314. A esta edição brasileira remetem as citações poéticas referentes ao heterônimo Álvaro de Campos.

⁵ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização de: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 534 p. As citações subseqüentes serão compreendidas a partir desta edição brasileira.

dos outros e da vida, sonhador de todos os sonhos, sobretudo os improváveis”.⁶

A exclusão voluntária de Bernardo Soares é a responsável pela transfiguração textual da sua Lisboa, a partir de um ponto estratégico, mediante o qual a cidade é focalizada: a janela do seu quarto, na Rua dos Douradores. A partir desse miradouro, em plena Baixa Pombalina, o eu entrega-se à experiência da fragmentação e do dilaceramento, à medida que o olhar incide sobre as coisas, sobre os passantes e sobre a cidade. O *Livro do desassossego* é o texto pessoano representador da cidade como um labirinto, como uma espécie de livro que precisa ser decodificado. Dessa forma, a leitura da cidade e do próprio “eu” se entrelaçam, indissociavelmente.

Morador de um quarto alugado num segundo andar da Rua dos Douradores, ajudante de guarda-livros no escritório do mesmo prédio, Bernardo Soares é um digno sucessor do seu comovidamente evocado mestre Cesário Verde. Como ele, ligado à atividade comercial, como ele, caminhante anônimo e atento, Bernardo Soares faz da sua errância por Lisboa um verdadeiro exercício dos sentidos:

Vivo uma era anterior àquela em que vivo; gozo de sentir-me coevo de Cesário Verde, e tenho em mim, não outros versos como os dele, mas a substância igual à dos versos que foram dele. Por ali arrasto, até haver noite, uma sensação de vida parecida com a dessas ruas. De dia elas são cheias de um bulício que não quer dizer nada. Eu de dia sou nulo, e de noite sou eu. Não há diferença entre mim e as ruas para o lado da Alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma, o que pode ser que nada valha, ante o que é a essência das coisas. Há um destino igual, porque é abstrato, para os homens e para as coisas – uma designação igualmente indiferente na álgebra do mistério. Mas há mais algumas coisas.... Nessas horas lentas e vazias, sobe-me da alma à mente uma tristeza de todo o ser, a amargura de tudo ser ao mesmo tempo uma sensação minha e uma coisa externa, que não está em meu poder alterar.⁷

Essa errância leva Bernardo Soares a tornar-se construtor de significados que vêm das coisas e dos habitantes de um espaço urbano que ele incansavelmente tenta desvendar, pois a cidade é um todo significante. No seu traçado, nas suas pedras, nas suas praças, nas suas ruas, nos seus

⁶ LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. p.19.

⁷ PESSOA, op. cit., p. 47-48.

monumentos e nos hábitos dos seus habitantes inscreve-se a história da cidade, do seu passado, a fisionomia do seu presente, as idéias e eventualmente, os sonhos dos seus moradores. A cidade impõe-se como um livro que os seus habitantes (re)lêem e (re)escrevem a cada dia. Sendo a cidade um significante, cabe ao observador captar ou não as mensagens emitidas pelo espaço e vida urbanos. La Salette Loureiro escreve que, no caso de Bernardo Soares, as peregrinações por Lisboa constituem, quase sempre, uma atividade decifradora intencional, não só do mundo exterior, vasto e misterioso, mas também do seu próprio eu, igualmente indecifrável.⁸ Na prosa de Soares, a exploração da cidade identifica-se com o desbravamento da sua própria subjetividade, de cuja necessidade é às vezes decorrente, e de que se revela, quase sempre, indissociável como confessa: “A minha consciência da cidade é, por dentro, a minha consciência de mim”.⁹

Ao contemplar as coisas com uma atenção que almeja ser definidora, Soares perscruta os sentidos da cidade/universo, bem como os segredos obscuros que envolvem o ser humano e sua vida repleta de contradições e de desassossegos:

O mistério da vida dói-nos e apavora-nos de muitos modos. Uma vez vem sobre nós como um fantasma sem forma e a alma treme com o pior dos medos – a da encarnação disforme do não ser. Outras vezes está atrás de nós, visível só quando nos não voltamos para ver, e é a verdade toda no seu horror profundíssimo de a desconhecemos.¹⁰

O excerto destacado recorta, na escritura de Bernardo Soares, uma arraigada ânsia de auto-conhecimento. Impulsionado por essa motivação, o ajudante de guarda-livros empreende longas peregrinações pela cidade, procurando um sentido para tudo e para todos os fenômenos que o atingem. Tal busca raramente produz resultados satisfatórios, enchendo o eu de um inevitável tédio, a experiência e a expressão do desassossego íntimo:

O tédio... Quem tem Deuses nunca tem tédio. O tédio é a falta de uma mitologia. Sim o tédio é isso, a perda, pela alma, da sua

⁸ LOUREIRO, La Salette. *A cidade em autores do primeiro modernismo*. Pessoa, Almada e Sá-Carneiro. Lisboa: Estampa, 1996. p. 178-179.

⁹ PESSOA, op. cit., p. 311.

¹⁰ *Ibid.*, p. 78.

capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.¹¹

Perturbado pela consciência de um destino incerto, angustiado pela sombra íntima de tudo e pelo mistério do mundo, Bernardo Soares assume uma atitude interrogativa, mesmo que a sua razão lhe recomende um caminho diverso para a felicidade, a inconsciência diante dos fenômenos humanos. E, se o pessimismo, o leva a concluir dolorosamente que nada tem um sentido, não deixa de ver em tudo, a manifestação de uma verdade oculta que incessantemente o perturba e que jamais deixa de buscar. Sob essa ótica, a errância e a divagação pela cidade assumem um percurso iniciático, de leitura de uma imensidade de signos que vão desfilando perante os sentidos e de uma tentativa de interpretação simultânea, ainda que, destinada à frustração e ao fracasso. Essa consciência vem expressa da seguinte forma nesse diário íntimo em que o olhar inquiridor e a caligrafia se entrelaçam:

Há dias em que cada pessoa que encontro, e, ainda mais, as pessoas habituais do meu convívio forçado e cotidiano, assumem aspectos de símbolos, e ou islados ou ligando-se, formam uma escrita profética ou oculta, descritiva em sombras da minha vida. O escritório torna-se numa página com palavras de gente; a rua é um livro; as palavras trocadas com os usuais, os desabituais que encontro, são dizeres para que me falta o dicionário mas não de todo o entendimento. (...) Mas na minha visão crepuscular, só vagamente distingo o que essas vidraças súbitas, reveladas na superfície das coisas, admitem do interior que velam e revelam.¹²

O fragmento destacado sublinha a idéia do mundo como um livro redigido numa linguagem quase incompreensível, cujo caráter enigmático é um desafio à interpretação. Em conformidade com essa ótica, Lisboa funciona como uma espécie de sinédoque desse universo enigmático que tudo envolve de mistério. O mistério do mundo permanece e o ceticismo do inteligível também, porque: “na minha vida crepuscular, só vagamente distingo o que essas vidraças súbitas, reveladas na superfície das coisas, admitem do interior que velam e revelam”.¹³

¹¹ Ibid., p. 260.

¹² Ibid., p. 293-294.

¹³ Ibid., p. 365.

O processo significativo da cidade não se limita, todavia, a uma leitura por parte do Sujeito. A própria urbe estabelece um diálogo com ele, num ato efetivo de comunicação, inspirando-o e fornecendo-lhe idéias e palavras: “Estas palavras casuais foram-me ditadas pela grande extensão de Lisboa vista à luz universal do sol, desde o alto de São Pedro de Alcântara”.¹⁴

Bernardo Soares percorre as ruas da Baixa com todos os sentidos despertos, mas deixando que o seu pendor imaginativo se intrometa e misture na captação da cidade outros mundos imaginários que podem até não ter nada a ver com ela. A sua Lisboa é aquela que se transfigura, num espetáculo de permanente mutação plástica. Mas é também a Lisboa dos sentidos ocultos, *cidade-livro*, impregnada de significados, oferecida à capacidade decifradora do sujeito. É também a Lisboa do trabalho diário, monótono e vil, banal e degradante. A cidade de Soares, real ou imaginada, é ainda o palco onde o ser humano vive as angústias da sua condição, sujeito à tortura do mistério que o envolve, à ação de forças cegas que o comandam e à certeza da sua inevitável mortalidade. Partilhando inelutavelmente da condição humana, Bernardo Soares comporta-se como um espectador da cidade, quase sempre fascinado, mas raramente se imiscuindo nela.¹⁵

Álvaro de Campos compartilha com Bernardo Soares o mesmo sentimento em relação ao ser humano e a sua consciência precária de ser e estar no mundo como uma realidade dolorosamente efêmera. Ele é o heterônimo que, por sua vez, expressa o ser humano voltado para o mundo moderno, para a civilização industrial, para o universo dinâmico da metrópole moderna, experimentando ao mesmo tempo a sua atração e a sua repulsa. O heterônimo vibra com a cidade grande e toda a sua agitação febril. Esta é um produto do estádio civilizacional da época, caracterizado por avanços significativos na ciência e na técnica, de que resultam progressos equivalentes na indústria e, conseqüentemente, também no comércio. Todos estes elementos geram um novo tipo de vida, não necessariamente mais feliz, mas substancialmente diferente, criado não só pelas mudanças materiais, mas também pela queda do código de valores existente, para os quais não encontrou substitutos consistentes. Desse momento de febre e de angústia, de delírio e de inquietação, nos fala a poesia deste heterônimo de Pessoa, dividido entre a euforia e a depressão, a vitória e a derrota. Desse momento ruidoso nos dão conta poemas como a “Ode triunfal”, a “Ode marítima”, a “Saudação a Walt Whitman”, a “Passagem das horas”.

¹⁴ Ibid., p. 104.

¹⁵ LOUREIRO, op. cit., p. 182-203.

Nos poemas de Álvaro de Campos o imaginário de Lisboa irrompe de forma direta e indireta. Lisboa é na escrita deste heterônimo a cidade da sua infância “pavorosamente perdida”, onde viveu e voltou e tornou a voltar e a voltar como escreve em *Lisbon revisited*. A cidade inscreveu-se no íntimo do seu ser e dali nunca seria desalojada, tornando-se uma referência constantemente em seus versos. Lisboa adquire, assim, na esteira da lição de Bachelard, os valores atribuídos à casa natal, sendo que este valor é alargado e atribuído a qualquer espaço verdadeiramente habitado pelo ser humano.¹⁶

Álvaro de Campos é o indivíduo que experimenta o sentimento do desalojamento, colocado na rua, a qual é elevada à condição de lar verdadeiro, pois é por ela que o sujeito perambula, experimentando o sentimento da exclusão e da inadaptação “estrangeiro aqui, como em toda parte”. Lisboa transfigura para ele o contraponto da errância pelo espaço e pelo seu ser multiplicado, uma tentativa de recuperar a proteção e o abrigo que estão associados à casa natal e à infância imemorial e imóvel, tempo-espaço da unidade perdida. É por isso que, em *Lisbon revisited*, o eu-lírico enfatiza em versos sucessivos esse dolorido “Outra vez te revejo”, sintomatizando a emotividade que toma conta do eu-poemático ao contemplar a cidade, vislumbrada como sua por estar inscrita, de forma indelével, na sua alma. Como enfatiza, à Lisboa ele retorna em busca da sua unidade, que, no entanto, parece definitivamente perdida, estilhaçada, composta de cacos dispersos que a memória não consegue recompor em plenitude:

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi (...)
E aqui de novo tornei a voltar?
(...)
Outra vez te revejo,
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.
Outra vez te revejo – Lisboa e Tejo e tudo-,
Transeunte inútil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte...¹⁷

Depreende-se pelos versos escolhidos de *Lisbon revisited*, que a memória condiciona a leitura da cidade, pois ela apela para uma espécie de

¹⁶ Cf. BACHELARD, Gaston. Casa e universo. In: _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 55-87.

¹⁷ PESSOA, op. cit., p. 360.

arquivo de semelhanças que preside as operações do resgate temporal, no seu afã de preencher lacunas com o que se deseja recordar. A relação entre a cidade e a memória é estabelecida mediante a recordação, pois o ser humano vive entre a possibilidade de repetir o passado e a compulsão a salvá-lo no presente. Por isso, viajar no passado é transformar esse passado, tentando salvá-lo do esquecimento. Dessa impressão acerca de um espaço que se revela como “outro”, surge a lembrança de impressões semelhantes experimentadas no passado. O tempo perturba a nitidez dessas lembranças, fazendo o eu-lírico duvidar de que tenha sido ele mesmo e atribuir a percepção a um outro com o mesmo rosto e nome, advogando para si uma identidade dupla. *Lisbon revisited* expressa essa consciência limitada da memória em resgatar integralmente os episódios, acontecimentos e eventos vivenciados no passado.

Na aventura labiríntica pelo exterior da cidade e interior do eu, o sujeito tenta resgatar o tempo-espaço das experiências passadas, o tempo-espaço da infância. Neste retorno, o eu indaga todas as viagens anteriores, todas perdidas num tempo descontínuo e fragmentado e reencontra a sua cidade como um estrangeiro que busca a Lisboa antiga e a si próprio. Em outras palavras, esse sujeito caracteriza-se pela dispersão, fragmentação e descontinuidade, pois percebe que nele coabitam vários “eus” corroídos pelo tempo. A angústia apela para a memória como recurso possível para a reconquista dessa totalidade perdida. Todavia, o exercício memorialístico de reconstituição integral da cidade e, através dela, a revisitação do eu, está destinado a um irreversível fracasso como confessa Campos:

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim –
Um bocado de ti e de mim! (...) ¹⁸

A única realidade que se impõe é a das lembranças embaçadas pela sucessão dos anos que tudo altera e transforma. Um espaço outro é criado, marcado pelo caos imagético. A memória se esvanece quando comparada com a realidade. A visão real não tem a nitidez das lembranças passadas. O poema pessoano é construído em torno do tema do regresso, focalizando o reencontro com a cidade como um ato no qual impera a ambigüidade. O olhar focaliza Lisboa como um sonho, como uma cidade fantas-

¹⁸ Ibid., p. 360.

ma, paradoxalmente, familiar. Tal ambigüidade permite-nos vislumbrar que o centro perdido, não é tanto, o tempo das realizações anteriores, mas o espaço, a cidade no passado. No espacialmente próximo é buscado o que pertence a um tempo distante: a infância, o passado. A cidade é um labirinto de recordações que se torna co-autora do trabalho memorialístico deflagrado pela *flânerie*, como apropriadamente escreveu Walter Benjamin:

A cidade, na qual os homens se exigem uns aos outros sem trégua, em que compromissos e telefonemas, reuniões e visitas, flertes e lutas não concedem ao indivíduo nenhum momento de contemplação – a cidade se vinga na memória, e o véu latente que ela teceu da nossa vida mostra não tanto as imagens das pessoas, mas sobretudo os lugares, os planos onde nos encontramos com outros ou conosco.¹⁹

Apesar da angústia brotada do reencontro com a cidade, Lisboa é o “céu azul da sua infância”. De modo emotivo a capital portuguesa manifesta-se a seus olhos e sentidos dotada de uma série de encantamentos. A paisagem que se lhe atravessa à frente do sonho é insinuante, impondo sua realidade cheia de força. Simultaneamente monótona e diferente, Lisboa lhe é irresistível, como seria também para os pintores de várias épocas, inebriados com a captação do amplo leque de cores e luminosidades, que impregnam a atmosfera desta “cidade-nave”, debruçada sobre o Tejo:

Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores...
À força de diferente, isto é monótono.
(...)
À força de monótono, isto é diferente.
Quero imaginar qualquer coisa
(...)
Mas não vejo mais,
Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,
Que Lisboa com suas casas
De várias cores.²⁰

¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – Um lírico no auge do capitalismo*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 156.

²⁰ PESSOA, op. cit., p. 389-390.

Irresistível também é o Tejo a refletir, em suas águas, o céu azul, ou então o luar, com as velas passando e o fundo sonoro encantatório do marulhar das águas. O cais de Lisboa integra-se a esse espetáculo que o rio oferece, consistindo numa espécie de horizonte regressivo, que consagra a cidade como palco para a deambulação do eu-poemático. As referências ao cais proliferam na poesia de Campos, vinculando-se ao tema da viagem, que efetua-se no tempo e no espaço, estando associada ao mar, às estradas, ao sentir e ao desdobramento. A poética de Campos transfigura a atitude inquiridora do viajante, tentando decifrar esse “novelo emaranhado”, o universo, ansiando por ser rio ou por ser cais:

Eh! Tanta explicação que nada explica!
Estou sentado no Cais, numa barrica,
E não compreendo mais do que de pé.
Ah que ânsia humana de ser rio ou cais!²¹

A ida ao cais e o contato com o rio metaforizam a idéia de um incessante fluir, de uma viagem em busca de conhecimento, de decifração do universo e do próprio ser. A procura da verdade aparece metaforizada como um cais de embarque, articulando-se coerentemente com o tema da viagem como percurso inciático de descoberta interior:

Ó Cais onde eu embarque definitivamente para a verdade,(...)
Quero partir e encontrar-me,
Quero voltar e saber de onde...²²

O cais do porto é um manancial de motivos plásticos, pictóricos, às vezes cinematográficos. O porto é sobretudo um espetáculo dinâmico de gente, cores, movimentos, luminosidade, ruídos, cheiros e sabores. Esse cais real é, todavia, o passaporte para o sonho de um outro cais, o “Cais Absoluto”, de onde se veio e para onde se vai. É assim que Álvaro de Campos se sente, contemplando o cais real, á maneira platônica, como imitação do *Outro*, do verdadeiro ponto de partida ou de chegada. O cais assume uma dimensão metafísica e simbólica que é preciso desvendar. É, por isso, que o eu suspeita de ter vindo de outro cais, duma outra cidade, do Cais Absoluto. O cais de Lisboa é a face revelada de um mundo intemporal,

²¹ Ibid., p. 417.

²² Id.

encoberto e, por isso mesmo verdadeiro, com base na perspectiva platônica que orienta a percepção do sujeito:

Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; (...)

Um grande cais cheio de pouca gente
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida apoplética,
Tudo quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?
Sim, dum cais, dum cais de dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais nos nossos portos,
Os nossos cais de pedra atual sobre a água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Cousas-Reais, Espíritos-Cousas. Entidades em Pedra-Almas.²³

O cais plasticiza a existência humana metaforizada em viagem, pois ele é uma espécie de símbolo de partida definitiva, local de embarque para a viagem derradeira. Para além das suas peregrinações ao cais, o sujeito vaga pelas ruas, sobretudo, as ruas da Baixa Pombalina:

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa
Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão que se vê a cara,
Quer pela rua do Ouro acima pensando em tudo o que não é rua do
Ouro.²⁴

E há também os passeios refeitos e vistos em retrospectiva, impregnados de recordações dessa Lisboa revisitada, que proporciona ao eu-lírico a oportunidade de fazer um balanço, cujo saldo é a consciência da derrota: “Houve um dia em que subi esta rua pensando alegremente no futuro./ Hoje, descendo esta rua, nem no passado penso alegremente”.²⁵

²³ Ibid., p. 315-316.

²⁴ Ibid., p. 323.

²⁵ Ibid., p. 386.

Finalmente, a cidade entra-lhe, às vezes, pela janela, voluntária ou involuntariamente. Vezes há em que o poeta se aproxima da janela, donde contempla a cidade, sem nela se imiscuir. É o caso do poema “A tabacaria”, onde Lisboa é adivinhada, porque o seu nome não é mencionado:

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo...²⁶

A presença permanente da cidade de Lisboa na prosa de Bernardo Soares e nos intranqüilos poemas de Álvaro de Campos torna possível uma geografia pessoana que ultrapassa a mera descrição espacial da cidade, tornando-se uma arte de tecer paisagens interiores, freqüentemente desassossegadas. Lisboa é plasmada, na perspectiva pessoana, como um estado de alma e o espaço exterior é subjetivado. Sobre essa subjetivação do espaço lisboeta, Marina Tavares Dias registra que:

O fascínio de uma geografia pessoana não reside apenas na representação temporal de Lisboa em cenários descritos ou episódios narrados. Nenhum autor, como Fernando Pessoa, recua e redimensiona a cidade até ao limite de um reflexo interior. A célebre redução-reconstrução do universo à medida da Rua dos Douradores, em Bernardo Soares, é apenas o topo emerso de um enraizamento na cidade primordial, quotidiana, apaziguadora, em que Fernando Pessoa se escuda da verdade de outras geografias. Para Bernardo Soares, é referência da recusa de todas as viagens reais. Para Álvaro de Campos, é o ponto de partida dessas viagens. Nos mais diversos tipos de correspondência ou de textos auto-biográficos, a cidade de Fernando Pessoa reconhece-se em todos os pormenores humanos e toponímicos, rica de nomes e de locais que são ancoradouros; em muitos casos, ao longo de décadas.²⁷

Como se pode ver pela citação de Tavares Dias e pelas reflexões anteriores sobre Bernardo Soares e Álvaro de Campos, a criação artística pessoana consagrou Lisboa, como espaço das andanças do poeta português,

²⁶ Ibid., p. 364.

²⁷ DIAS, Marina Tavares. *A Lisboa de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998. p. 8.

da sua *flanêrie*, para evocarmos o diagnóstico benjaminiano acerca do pas-sante que elege a cidade como o âmbito privilegiado para o exercício, simu-ltâneo, de ver e evocar, de deambular e divagar. Na perspectiva de Benjamin, a estratégia adotada pelo *flâneur* é a lentidão, personificando a entrega ao ritmo do passeio, marcando um passo descompassado em relação à maneira de ser habitual dos habitantes da grande metrópole. A experiência do *flâneur* é a solidão na grande cidade. Nele, o deixar-se levar pelo acaso não é sinal de indolência, mas a expressão da não submissão às tarefas e ao ritmo de um mundo acelerado. Dessa forma, a Literatura ao deixar-se orientar por essas peregrinações melancólicas, as quais instauram, paradoxalmente, o distan-ciamento das coisas e o acercamento do real, configura-se como a arte do extravio e da dispersão:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, re-quer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão niti-damente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios.²⁸

Esse “perder-se numa cidade” de que fala o pensador da Escola de Frankfurt poderia ser aplicado, exemplarmente, a Fernando Pessoa, pois o poeta trilhou incansavelmente as ruas da capital portuguesa, dos quartos acanhados e pobres, nos quais viveu, aos escritórios de representação co-mercial, nos quais trabalhou, de um café a outro, das praças às bibliotecas, das noites de boêmia nas ruas da Baixa ou no Bairro Alto à contemplação compenetrada das águas de prata do Tejo, mar interior. Há uma união indis-sociável entre a poética pessoana e o universo lisboeta, como menciona Robert Bréchon:

Sua Lisboa é um labirinto espiritual, mágico e maldito, por onde ele erra em busca de sensações, de impressões, de verdades, de encantamentos e de metamorfoses. A única saída que poderá re-velar-se é o mito. A Lisboa de Pessoa é a de Ulisses, lendário fundador epônimo da cidade (Olisipo), o primeiro “que aqui apor-

²⁸ BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 73.

tou”. É a de Vasco da Gama e dos demais navegadores da época dos Descobrimentos, os quais partiam do porto de Belém; a de D. Sebastião, o rei encoberto à espera do momento em que irá reaparecer, numa manhã de nevoeiro, no estuário do Tejo, para reatar o destino português e fundar o “Quinto Império”, que é a reconquista do sentido da vida.²⁹

A citação de Robert Bréchon possibilita considerar Lisboa como um significante aberto, múltiplo, capaz de assumir várias significações. O dado essencial para essa multiplicidade de significados a serem atualizados pelo signo Lisboa é a percepção da cidade como realidade instauradora de uma experiência labiríntica. Como essa experiência labiríntica é expressa? O sujeito sente-se perdido e disperso. Tal dispersão pode ser fruto da desocupação ou da inadaptação do indivíduo ao meio em que está inserido. Essa experiência nunca está dissociada do olhar que, ao incidir sobre a cidade, não recorta, unicamente, o seu perfil exótico, grandioso, misterioso ou decadente. Mais do que isso, para Fernando Pessoa, Lisboa é uma enigmática desconhecida.

Para Pessoa, ver significa articular um signo: Lisboa. Dessa forma, ao dizer “Lisboa” intersecciona-se, num mesmo ato, o olhar e a palavra. Esse “dizer” postula que o objeto sobre o qual incide o olhar está marcado pela abertura, por uma assustadora indefinição, por diferentes extratos de significação. Por isso, “ver” significa “dizer-apreender” Lisboa como um significante que, no devir da História, assumiu significados muito variados.³⁰

Com propriedade, o excerto de Bréchon “recorta” na experiência pessoana corporizada em versos, os diferentes significados assumidos pelo signo “Lisboa” ao longo de sua existência histórica como espaço urbano. Assim, a imagem de Lisboa emergente dessa vivência pessoana não é monolítica ou fechada. Contrariamente, a representação de Lisboa nos escritos pessoanos faz ecoar, sutilmente, aquela fala entre Platão e Gláucon acerca da cidade ideal, encontrada no Livro IX da *República*: “- Compreendo. Tu falas da cidade cujo plano traçamos e que se fundamenta apenas nos nossos discursos, visto que, tanto quanto sei, não existe em parte alguma da terra”.³¹

²⁹ BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 18.

³⁰ OPTIZ, Luísa Soares. Quando ver é dizer – Lisboa. In: RECKERT, Stephen et al. *O imaginário da cidade*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989. p. 209.

³¹ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 319. (Coleção Os Pensadores).

A cidade é uma realidade que está fundada “só em palavras”, diz o diálogo platônico. Trata-se de um local ausente, suspenso, fazendo às vezes de figura de quadro onde se reflete o olhar daquele que olha. Esse olhar, todavia, não está livre de imagens contaminadas pelo tempo passado. Isto é, a cidade é um elemento dotado de vitalidade e de certas funções que lhe imprimem movimento, dinamismo, pujança e retrocesso. Esse ritmo não exclui a possibilidade de, a partir do presente urbano, tentar delinear o passado e projetar o futuro, pois evocando Walter Benjamin, pode-se escrever a História através das imagens transfiguradoras da cidade, as quais o *flâneur* vai apreendendo, à medida que, intensifica-se a sua perambulação.³²

Ora, nesse processo, a objetividade real, concreta da cidade nem sempre coincide com a percepção que o poeta possui dela. Ele vai fazer dela um uso variado. O distanciamento temporal e espacial possibilita a reconstrução através da imaginação. É essa tensão entre o presente e o passado que a citação anterior de Bréchon exprime tão bem ao atribuir a Lisboa o caráter de um labirinto pelo qual Fernando Pessoa vaga. Nessas deambulações pela Lisboa-labirinto, o olhar pessoano atualiza substratos diversos oriundos do passado ou as metamorfoses sofridas pela cidade, pelo povo que nela vive e pela cultura nacional, da qual a metrópole torna-se o emblema. Retomando Bréchon, a Lisboa pessoana é a de Ulisses, a de Vasco da Gama e a de Dom Sebastião. Essas três figuras representam, metonimicamente, os momentos basilares de fundação da identidade portuguesa: as origens míticas, os descobrimentos portugueses e, por fim, a irreversível decadência do império, iniciada no século XVII, da qual Portugal jamais se ergueria, mas que jamais seria plena e conscientemente aceita, como tem mencionado Eduardo Lourenço, em seus escritos. Essa consideração da História portuguesa, a partir dessa égide tríplice ganhou a expressão escrita, em *Mensagem*, poema pessoano de 1934, simultaneamente canto de glorificação dos feitos realizados pela pátria e réquiem sepultador das ambições, sonhos e ilusões lusitanas. As três subdivisões desse longo e dramático poema pessoano, pois o texto não merece a rotulação de épico – *Brasão*, *Mar português* e *O Encoberto* – aludem e se organizam em torno dos vultos de Ulisses, de Vasco da Gama e de Dom Sebastião. Essa tríade de nomes representa os três momentos marcantes de Portugal como *um destino*, como escreveu Eduardo Lourenço, num ensaio recente.³³

³² Cf. BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*: representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 1994. 432 p.

³³ LOURENÇO, Eduardo. Portugal como destino – Dramaturgia cultural portuguesa. In: _____. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999. p. 9-83.

À guiza de conclusão, Lisboa é para o poeta e o indivíduo Fernando Pessoa o espaço consagrado para o seu caminhar. Percorreu incansavelmente as ruas da capital portuguesa e isso não conseguiu originar nas suas composições artísticas uma descrição objetiva da sua cidade, mas sempre como realidade imaginada. Chegou inclusive a escrever em inglês um guia para o turista que chega à cidade.³⁴ Na melhor linha da fenomenologia da percepção de Ponty,³⁵ para Pessoa, Lisboa existe como uma experiência interior, explorada por passos em que o sonho e a realidade fundem-se. Paradoxalmente, nessa fusão, é possível recortar ou fazer a cartografia da “pequena” Lisboa, na qual trabalhou e viveu. Não se trata da cidade toda, pois a Lisboa Oriental nunca o fascinou. Sua Lisboa é espantosamente reduzida, serpenteando o Tejo, do Castelo de São Jorge, no Leste, ao Cais de Alcântara, “Ah, todo o cais é uma saudade de Pedra”,³⁶ a oeste, englobando o Rossio, o Bairro Alto e a Praça do Comércio. É esse o perímetro da circulação nômade de Pessoa. Nesses espaços, quem desejar seguir as pegadas de Pessoa, irá encontrá-las, em Cafés como o Martinho da Arcada ou a Brasileira do Chiado, consagrados como os espaços do poeta, “E as metafísicas perdidas nos cantos de cafés de toda a parte”; nas ruas que do Chiado e do Largo de Camões descem vertiginosamente em direção ao Tejo (Cais do Sodré); nas claras e assépticas ruas da Baixa, na Rua dos Douradores, sobretudo. E contrariando o fascínio pessoano pela Baixa Pombalina, rumando na direção da Lisboa ocidental, pode-se encontrar o poeta, ou o que restou dele, no Mosteiro dos Jerônimos, em Belém, “Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações”,³⁷ ironicamente, onde repousam Camões e Vasco da Gama e que, desde junho de 1985, guarda, num discreto túmulo de mármore rosa, o poeta, fingidamente, designado pelos versos de uma das mais célebres odes do heterônimo Ricardo Reis:

Para ser grande, sê inteiro: nada
 Teu exagera ou exclui.
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
 No mínimo que fazes.
 Assim em cada lago a lua toda
 Brilha, porque alta vive.³⁸

³⁴ PESSOA, Fernando. *Lisboa: o que o turista deve ver*. Prefácio de: Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1992. (Coleção Cidade de Lisboa).

³⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³⁶ PESSOA, *Obra poética*, p. 315.

³⁷ *Ibid.*, p. 316.

³⁸ *Ibid.*, p. 289.

RESUMO

Na literatura, várias cidades assumiram a condição de símbolos literários vinculados à escrita de autores expressivos. Na poética de Fernando Pessoa, Lisboa assume a condição de um universo simbólico, no qual as vivências mais profundas do poeta encontram eco. Lisboa é uma presença permanente na prosa de Bernardo Soares e nos poemas do heterônimo Álvaro de Campos. Isso torna possível uma geografia pessoana que ultrapassa a simples descrição da cidade, tornando-se uma arte de tecer paisagens interiores.

Palavras-chave: *imaginário; cidade; Lisboa; Fernando Pessoa; poesia portuguesa.*

ABSTRACT

In Literature, several cities have assumed the condition of literary symbols linked to the writings of expressive writers. In Fernando Pessoa's poetry, Lisbon assumes the state of a symbolic universe where the poet's deepest existence finds echo. Lisbon is a permanent presence in Bernardo Soares' prose and in the poems of the heteronym Álvaro de Campos. That makes possible a Pessoaan geography which transcends the simple description of the city, becoming an art of weaving interior landscapes.

Key-words: *imaginary; city; Lisbon; Fernando Pessoa; Portuguese poetry.*

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – Um lírico no auge do capitalismo*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3.)
- _____. *Rua de mão única*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 2.)
- BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DIAS, Marina Tavares. *A Lisboa de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

- _____. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- MOITA, Irisalva. (Coord.). *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, Lisboa Expo'98, 1994.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PESSOA, Fernando. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1998.
- _____. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Lisboa: O que o turista deve ver*. Prefácio de: Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1992. (Coleção Cidade de Lisboa).
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores).
- QUADROS, António. *O primeiro Modernismo português: tradição e vanguarda*. Lisboa: Europa-América, 1989.
- RECKERT, Stephen et al. *O imaginário da cidade*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.
- VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.